



Guerra em Gaza

Arquivos secretos expõem estratégia do Hamas para espionar palestinos

— Polícia oculta chefiada por líder do grupo terrorista vigiava cotidiano dos moradores e criava arquivos sobre jovens, jornalistas e quem questionasse o regime no território

TEL-AVIV

O líder do Hamas Yahya Sinwar supervisionou durante anos uma força policial secreta na Faixa de Gaza que vigiava o cotidiano dos palestinos e criava arquivos sobre jovens, jornalistas e pessoas que questionavam o regime do grupo terrorista no enclave, segundo funcionários da inteligência e um conjunto de documentos internos analisados pelo jornal americano *The New York Times*.

A unidade, conhecida como Serviço de Segurança Geral, contava com uma rede de informantes de Gaza, alguns dos quais denunciavam seus pró-

prios vizinhos. As pessoas eram registradas em arquivos de segurança por participarem de protestos ou criticarem publicamente o Hamas. Em alguns casos, os registros sugerem que as autoridades seguiam as pessoas para determinar se elas mantinham relacionamentos fora do casamento.

Há muito tempo o Hamas mantém um sistema opressivo de governança em Gaza, e muitos palestinos sabem que as autoridades de segurança os vigiam de perto. No entanto, uma apresentação de 62 slides sobre as atividades do Serviço de Segurança Geral, feita apenas algumas semanas antes do ataque a Israel em 7 de outubro,

revela o grau de penetração dessa unidade amplamente desconhecida na vida dos palestinos.

Os documentos mostram que os líderes do Hamas, apesar de alegarem representar o povo, não toleravam nem mesmo

Sem saída
Habitantes de Gaza estão presos atrás do muro de Israel e sob o controle e vigilância do Hamas

um sopro de dissidência. As autoridades de segurança seguiram jornalistas e pessoas suspeitas de comportamento imoral. Os agentes conseguiram remo-

ver críticas das mídias sociais e discutiram maneiras de difamar adversários políticos. Os protestos políticos eram vistos como ameaças a serem minadas.

CERCADOS. Os habitantes de Gaza estavam presos todos os dias — atrás do muro do bloqueio de Israel e sob o controle e a vigilância constante de uma força de segurança. Esse dilema continua até hoje, com a ameaça adicional de tropas terrestres e ataques aéreos israelenses.

“Estamos enfrentando o bombardeio da ocupação e a violência das autoridades locais”, disse Ehab Fafous, um jornalista local que apareceu nos arquivos do Serviço de Se-

gurança Geral, em uma entrevista por telefone, de Gaza.

Fafous, de 51 anos, é rotulado em um relatório como um dos “maiores odiadores” do Hamas. Os documentos foram fornecidos ao NYT por funcionários da diretoria de inteligência militar de Israel, que disseram que eles foram apreendidos em incursões em Gaza.

Os repórteres do NYT entrevistaram as pessoas citadas nos arquivos, que confirmaram informações biográficas e, como é o caso de Fafous, descreveram interações que se alinhavam aos documentos. A inteligência de Israel disse ter conhecimento de arquivos sobre ao menos 10 mil palestinos. ● NYT

Polícia é um dos pilares de segurança do grupo

O Serviço de Segurança Geral é formalmente integrante do partido político Hamas, mas funciona como parte do regime que controla a Faixa de Gaza desde 2007. Um indivíduo palestino familiarizado com o funcionamento interno do grupo, que falou ao *New York Times* sob condição de anonimato devido à sensibilidade do assunto, confirmou que o serviço era um dos três poderosos órgãos de segurança interna em Gaza. Os outros eram a Inteligência Militar, que se concentra em Israel, e o Serviço de Segurança Interna, um braço do Ministério do Interior.

Basem Naim, porta-voz do Hamas, disse que as pessoas responsáveis pelo Serviço de Segurança Geral estavam fora de alcance durante a guerra.

Com despesas mensais de US\$ 120 mil antes da guerra com Israel, a unidade era composta por 856 pessoas, segundo os registros. Dessas, mais de 160 eram pagas para divulgar a propaganda do Hamas e lançar ataques online contra oponentes no território e no exterior. O status da unidade hoje é desconhecido porque Israel desferiu um golpe significativo nas capacidades militares e de governo do Hamas.

Os palestinos em Gaza vi-

vem com medo e hesitam em expressar sua discordância, disseram analistas. “Há muitas pessoas praticando a autocensura”, disse Mkhaimar Abusada, professor de ciências políticas da Cidade de Gaza. “Elas simplesmente não querem ter problemas com o governo do Hamas.”

MÃOS ATADAS. Essa visão entra em conflito com os comentários mais estridentes dos líderes israelenses, como o presidente Isaac Herzog, que culpou os habitantes da Faixa de Gaza por não terem derrubado o Hamas antes dos ataques de 7 de outubro.

Autocensura
Segundo analistas, palestinos vivem com medo e hesitam em expressar discordância

“Há uma nação inteira que é responsável”, disse ele. “Essa retórica de que os civis não estavam cientes, não estavam envolvidos, não é absolutamente verdadeira. Eles poderiam ter se levantado.” ● NYT

EXPRESSÃO DE OPINIÃO

É PRECISO APOIAR O CONGRESSO NACIONAL E CORRIGIR UMA GRANDE INJUSTIÇA ECONÔMICA E SOCIAL NA ISENÇÃO DO IMPOSTO DE IMPORTAÇÃO PARA PRODUTOS DE ATÉ 50 DÓLARES

A injustificável desigualdade na tributação entre a produção nacional e as importações de até 50 dólares, via plataformas internacionais de comércio eletrônico, precisa ser revertida urgentemente. É impossível que a indústria e o comércio nacionais, que pagam em média 45% de impostos federais embutidos nos preços, concorram com os produtos importados que pagam muito menos. O setor produtivo do Brasil apoia e reconhece o esforço da Câmara dos Deputados federais em rever a isenção dos tributos federais sobre essas importações no Projeto de Lei do Programa de Mobilidade Verde (Mover). Acreditamos que, mais uma vez, o Congresso Nacional vai atuar pelo bem da população brasileira.

A realidade é que essa injustiça tributária retira empregos dos brasileiros e reduz a arrecadação da União, prejudicando o equilíbrio fiscal importante para o país. Ao perder vendas para essas importações não tributadas, a indústria e o comércio nacionais deixam de empregar quase 500 mil brasileiros e brasileiras. E quem perde mais são os que ganham menos e, principalmente, as mulheres. Dessas, cerca de 80% são pessoas que ganham até dois salários mínimos; e as mulheres respondem por 65% do emprego nesses setores. Por isso, é equivocado dizer que corrigir a injustiça tributária vai prejudicar a população brasileira. As mesmas pessoas que hoje compram produtos importados com menos tributação podem ser os desempregados de amanhã quando as indústrias e o comércio em que trabalham fecharem. Vale ressaltar que as pequenas e médias empresas são as que mais empregam e as primeiras a fecharem.

Os estados arrecadam com o ICMS de 17% sobre as importações de até 50 dólares (vis a vis os até 21% de ICMS dos produtos nacionais), mas esse percentual não garante a isonomia — seria preciso instituir um imposto de importação de, no mínimo, cerca de 40% para a equalização do custo tributário federal sobre os nossos produtos produzidos no Brasil. Em 2023, em apenas cinco meses com a tributação de ICMS, os estados arrecadaram R\$ 632,2 milhões. Com a inclusão do imposto de importação ou o aumento do ICMS, a arrecadação sobre essas importações deve superar R\$ 5 bilhões em um ano.

O setor produtivo nacional confia que a Câmara dos Deputados, como importante representante dos verdadeiros interesses da população brasileira, aprove o Projeto de Lei que resolve esse grave problema e garanta mais produção e mais emprego para os brasileiros. Somos uma só Nação e o bem de todos sempre deve estar acima de tudo.



ARTIGO NÃO DISTRIBUÍDO BY REUTERS.COM
PressReader.com.br - 11 604 2718-6004
Contato: 0800 700 0000

pressreader